

# ALBERTO MARTINS

## Sobre a vida dos crâneos

O orifício é perfeito.  
O corte seco casa bem  
com a superfície limpa dos ossos.  
Nenhum resto de massa encefálica  
nenhum frêmito da carne  
nem agonia nem desejo  
de viver.  
Em silêncio, o crânio descansa  
na vitrine do Instituto de Anatomia.  
Em breve, poderá ser emprestado  
para exposições ou para estudos.  
Um novo exemplar já está a caminho  
recém-abatido, num beco  
aqui na esquina.

## **O testamento de Hiroshige (1797-1858)**

A casa deve ser vendida  
as dívidas pagas.  
Os livros e revistas também podem  
ser postos à venda.

Como tudo que fizer  
depende de dinheiro  
e eu não possuo  
minhas palavras não precisam  
ser levadas em consideração.

Mude-se para onde preferir.  
Sobre o futuro, converse  
com alguém de sua confiança  
e o que decidir está decidido.

Divida minhas tintas desenhos ferramentas  
entre meus aprendizes — como lembranças.  
Os quimonos que restam, dê para os meninos.  
Ao meu amigo de longa data, Shigenobu,  
uma de minhas duas espadas pequenas.

## **Transeunte**

passos  
são rugas  
— deixam marcas  
na rua

porém marcas levíssimas  
quase ninguém vê:

só o faro infra  
vermelho de um cachorro  
ou o ouvido tortuoso  
de um peão

para catar seus ecos  
ali onde se encontram

— papel rasgado bituca  
de cigarro tampinha  
de plástico —

ao rés do chão

## Working day

dar adeus  
a este dia azul

se embrenhar  
nas trevas do metrô

morrer  
quem sabe  
num descarrilhar de trilhos  
no entrechoque dos vagões

lá fora as estações deslizam  
Consolação  
Paraíso  
Liberdade

enquanto meu pensamento se perde em catacumbas  
como o Álvares, na taverna

no fim do trajeto  
uma brecha de céu  
e — atônito —  
saio do túnel  
para entrar no elevador